



**REVISTA ELETRÔNICA DISCENTE HISTÓRIA.COM  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RECÔNCAVO DA BAHIA  
CENTRO DE ARTES, HUMANIDADES E LETRAS**

**UM ESTUDO TEMÁTICO COMPARATIVO ENTRE A  
SACRALIDADE DO INFANTE SANTO, D. FERNANDO, E O  
MESSIANISMO DE D. SEBASTIÃO**

Guilherme Mascarenhas<sup>1</sup>

**Resumo**

Neste artigo, apresenta, ainda de forma incipiente, uma proposta para que sejam aprofundados estudos sobre as particularidades da sacralidade de Avis. Para tanto, optou-se por fazer um estudo baseado na premissa de que a cultura política portuguesa durante a dinastia de Avis apresenta certas características em torno dos conceitos de missão e de predestinação capazes de subsidiar a hipótese de a ideias chave desses conceitos não sofreram grandes alterações entre os séculos XV e XVI. Para comprovar isso, estabeleceu-se um estudo comparativo entre a santidade do Infante Santo e o messianismo de d. Sebastião, objetivando demonstrar como diversos aspectos presentes no sebastianismo podem ser relacionados como sendo antecidos pelo discurso de santidade presente no culto ao Infante Santo.

**Palavras chave:** Portugal. Missão. Predestinação. Infante Santo. D. Sebastião.

**Introdução**

Este artigo dividir-se-á entre uma reflexão sucinta sobre o estado atual da questão no que diz respeito às personagens estudadas (Infante Santo e d. Sebastião e um quadro comparativo entre os elementos comuns presentes nos discursos referentes às fontes selecionadas para a elaboração deste artigo<sup>2</sup>. Demonstrar-se-á que, apesar de se encontrar vasta produção sobre eles<sup>3</sup> e, em algumas delas<sup>4</sup>, chega-se até

<sup>1</sup> Mestrando do Programa de pós-graduação em história da UFRRJ (bolsista da CAPES), pesquisador do Laboratório de ensino pesquisa em medievística LEPEM-UFRRJ. E-mail: [guilhermehistoria@hotmail.com](mailto:guilhermehistoria@hotmail.com).

<sup>2</sup> As referências completas das fontes serão citadas ao longo deste artigo.

<sup>3</sup> Em relação ao Infante Santo, cf. AMARAL, Clínio de Oliveira. As discussões historiográficas em torno do Infante Santo. *Medievalista on-line*. Lisboa: IEM, Ano 5, nº 7, p. 1-42, dezembro. 2009. Disponível em: <<http://www2.fcsh.unl.pt/iem/medievalista/>>. Acesso em 22 de dezembro de 2011. Contudo, destacamos que este artigo já se encontra, parcialmente, desatualizado, pois, tanto no Brasil como em Portugal, houve novas publicações acerca de d. Fernando. Na realidade, além de alguns artigos de Amaral, cujos conteúdos não diferem muito de suas conclusões apresentadas em seu doutoramento,

mesmo mencionar que, em uma perspectiva de longa duração seria importante um estudo comparativo acerca dos discursos veiculados sobre eles, tal pesquisa ainda não foi realizada. Assim, no breve balanço historiográfico apresentado, objetiva-se apenas apontar alguns textos que, *grosso modo*, podem servir como obras de referência para futuras investigações sobre essa temática.

Em seguida, iniciar-se-á a segunda parte deste artigo, oriunda das investigações bibliográficas e de fontes realizadas durante a fase de pesquisa exploratória do mestrado. Nela, demonstrar-se-á um dos aspectos mais interessantes da dinastia de Avis, ou seja, a coerência discursiva em torno de sua propaganda<sup>5</sup>. Além disso, optou-se por instrumentalizar a noção de longa duração proposta por Almeida, Amaral e Berriel<sup>6</sup>.

---

encontram-se dois novos trabalhos, durante a fase de pesquisa bibliográfica, embora não se acredite que tenha ocorrido outras publicações. A primeira é uma dissertação de mestrado cujo foco foi dedicado a um estudo bastante específico acerca do cerco de Tânger do ponto de vista militar, cf. MOREIRA, Hugo Daniel Rocha Gomes da Silva. *A Campanha militar de Tânger (1433-1437)*. Porto, 2009. Dissertação (Mestrado em História Medieval e do Renascimento) – Faculdade de Letras, Universidade do Porto, Porto, 2009. Quanto ao segundo trabalho, direcionado aos problemas entre a legitimação do poder e o discurso hagiográfico, para maiores informações, cf. NASCIMENTO, Renata Cristina de Sousa. O Martírio do Infante Santo e a Expansão Portuguesa (Século XV). *Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH – São Paulo, julho 2011*, Disponível em <[www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/](http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/)>. Acesso em 12 de dezembro de 2012, p. 1-10.

<sup>4</sup> Cf. BUESCU, Ana Isabel. *Memória e poder: ensaios de história cultural (séculos XV-XVIII)*. Lisboa: Edições Cosmos, 2000.; HERMANN, Jacqueline. *No reino do desejado: a construção do sebastianismo em Portugal séculos XVI e XVII*. São Paulo: Cia. das Letras, 1998.

<sup>5</sup> Do ponto de vista da historiografia brasileira, o estudo “pioneiro” deste tema foi desenvolvido pela professora Vânia Leite Fróes, cf. FRÓES, Vânia L. *Espaço e sociedade em Gil Vicente: contribuição para um estudo do imaginário português (1502 – 1536)*. São Paulo, 1986. Tese (Doutorado em História Social) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1986.; Idem. *Era no Tempo do Rei – estudo sobre o ideal do rei e das singularidades do imaginário português no final da Idade Média*. Niterói, 1995. Tese (Titular em História Medieval) – Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 1995. Contudo, as suas conclusões se comparadas às de outros historiadores portugueses, pode-se perceber o grande atraso dessa historiadora, ou seja, embora trouxesse, à época em que redigiu tais trabalhos algumas inovações, as mesmas já tinham sido desenvolvidas pela historiografia portuguesa. Muitas das ideias dessa historiadora acerca do messianismo e do providencialismo cristãos presentes no discurso dos monarcas de Avis, já tinha sido objeto de estudos bem detalhados, como, por exemplo, o realizado por Luís de Sousa, cf. RABELO, Luís de Sousa. *A concepção de poder em Fernão Lopes*. Lisboa: Livros Horizonte, 1983.

<sup>6</sup> Sobre às discussões teóricas em torno do problema da longa duração, cf. ALMEIDA, Ana Carolina Lima. Pensando o fim da Idade Média: a longa Idade Média de Le Goff e a colonização da América de Baschet. *Revista Tempo de Conquista*. Vol. 7, [n.p.]. junho. 2010. Disponível em: <<http://www.revista.tempoconquista.nom.br>>. Acesso em 4 de dezembro de 2011.; ALMEIDA, Ana Carolina Lima; AMARAL, Clínio de Oliveira; BERRIEL, Marcelo Santiago. Le Moyen Age est-il arrivé aux Amériques ? Paris : CRS et GAHOM [prelo]. Em poucos meses, a versão eletrônica poderá ser acessada em <[www.editionsapiers.org](http://www.editionsapiers.org)>. Desde já, agradece-se aos autores por terem disponibilizado a versão original desse artigo antes de sua publicação. Em relação aos trabalhos (supra), sublinha-se a forma como o tema da longa duração foi abordado; trata-se de uma visão crítica em relação à noção de longa idade média. No segundo artigo, os autores demonstraram como o caso português é um bom

## 1 – O Infante Santo e a recente historiografia

Quanto à produção acerca do Infante Santo, encontra-se um balanço historiográfico, bastante completo até o ano de 2009, no já citado artigo de Amaral cujo texto expõe as diversas formas que ele foi estudado, sobretudo, pela historiografia portuguesa (cujos principais autores, entre as publicações mais recentes, são João Luís Inglês Fontes, António Rebelo e de Maria de Lurdes Rosa) uma vez que, no Brasil, ainda há poucos estudos sobre o Infante Santo.

Amaral dividiu o seu artigo em cinco grandes tópicos que abordam o estudo sobre o culto público e sua ação política, os debates sobre a expedição a Tânger, as diferentes formas da sua representação, a produção de sua memória de santidade e, para concluir, os debates sobre os novos problemas subjacentes ao Infante Santo. Na última parte, esse autor enfatiza a importância dos três historiadores portugueses, uma vez que trouxeram novas formas de interpretar o discurso de santidade veiculado em torno da imagem do Infante Santo. Trata-se de um significativo levantamento bibliográfico das produções brasileira e portuguesa relativa ao Infante Santo.

Já em outro artigo publicado no ano de 2011 na Revista Aedos, da UFRGS, cujo título é “A imagem como um poder: estudo sobre a iconografia do Infante D. Fernando de Portugal”, Amaral realizou uma análise da iconografia produzida sobre o Infante Santo, objetivou sublinhar a importância da relação entre o estudo das imagens e suas respectivas funções legitimadoras, por meio de um estudo de caso.

Ao comparar os objetivos do autor citado anteriormente, aos que, ora, serão evidenciados, sustenta-se a existência de semelhanças. Objetiva-se analisar o discurso messiânico, elaborado pelo fidalgo d. João de Castro, biógrafo de d. Sebastião, para compará-lo à representação de santidade veiculada pelo frei João Álvares, primeiro hagiógrafo de d. Fernando. Tal proposta inscreve-se nas discussões sobre longa duração, bem como sobre a permanência, no imaginário político português, de certos padrões discursivos, vinculados às particularidades da sacralidade de Avis. Este artigo visa a evidenciar como duas ideias fundamentais da propaganda avisina

---

exemplo para a utilização da noção de longa duração, ou seja, determinados problemas são compreendidos de uma forma mais aprofundada se forem analisados sob uma perspectiva de longa duração, mas negaram as proposições de Le Goff e de Baschet sobre o conceito de longa duração e, ao mesmo tempo, apontaram as vantagens do modo como Braudel o utilizou. Para Almeida, Amaral e Berriel, a permanência das ideias de missão e de predestinação nos discursos veiculados em torno do Infante Santo e de d. Sebastião serviram para corroborar a argumentação deles para refutar a forma como Jérôme Baschet compreendeu o processo de expansão ibérica, durante os séculos XV e XVI.

mantiveram-se na cultura política portuguesa. Trata-se, exatamente, de demonstrar que as ideias de missão e predestinação perpassam todo o período da dinastia de Avis e se constituíram como “pilares” da cultura política dos membros da casa de Avis.

## **2 – D. Sebastião um “herdeiro” do Infante Santo?**

Quanto à imagem de d. Sebastião, do ponto de vista da historiografia brasileira, a principal obra é a de Hermman, na qual se encontra um balanço sobre a historiografia brasileira e portuguesa, bem como uma investigação considerável sobre essa personagem no que diz respeito ao levantamento de fontes. Até o momento, no Brasil, não foi encontrado nenhum trabalho como o desta professora e, no momento atual da investigação, objetiva-se fazer um levantamento bibliográfico acerca do sebastianismo na produção portuguesa a partir do ano de 1996, ano em que Hermman concluiu o seu doutorado.

Como fora mencionado, na produção historiográfica brasileira, após esta obra, ao que tudo indica, não houve nenhuma publicação que trouxesse algum tipo de inovação do mesmo porte da que fora trazida por Hermman, quer seja do ponto de vista da análise das fontes, quer seja do ponto de vista teórico. Aliás, a própria ideia de se analisar a biografia redigida por d. João de Castro deveu-se à constatação de que apesar de Hermman tê-la mencionado, não a analisou como fizera com as demais fontes estudadas durante a elaboração de sua tese.

Embora essa tese tenha sido sustentada em 1996 e que ainda não foi encontrado outro trabalho com o mesmo fôlego no quesito pesquisa bibliográfica, é importante destacar que não, necessariamente, tenham surgido trabalhos relevantes sobre o sebastianismo. Dentro de uma perspectiva comparada, quanto à personagem do Infante Santo, houve a oportunidade ter acesso a uma série de trabalhos recentes que conseguiram investigar, detalhadamente, praticamente tudo o que foi produzido sobre os mecanismos utilizados para construir o discurso de santidade que lhe é subjacente. No entanto, para d. Sebastião, embora a produção historiográfica seja maior, em números absolutos, não foram encontrados artigos com caráter tão explicitamente voltados para uma reflexão acerca da historiografia que o estudou. Isso é um elemento que deva ser considerado para uma melhor compreensão da discrepância entre o número de autores referenciados sobre d. Fernando e o número de autores mencionados sobre d. Sebastião. Mas esta inversão

numérica não deve conduzir a um equívoco, isto é, acreditar que há mais estudos sobre d. Fernando do que d. Sebastião.

## 2.1 – D. Fernando e d. Sebastião: um possível exercício de histórica comparada?

No processo de redação de uma monografia, identificou-se, especialmente, durante a leitura do livro de Hermann, uma tendência da dinastia de Avis em aproximar, através de recursos propangandísticos, a figura real à imagem do sagrado cristão. Essa autora, inclusive, menciona a possível relação entre a santidade d. Fernando e o messianismo de d. Sebastião, como um exemplo relevante da longa duração de determinados aspectos da cultura política portuguesa, que se caracteriza, sobretudo, em momentos de crises, a qual recorre ao campo religioso para aumentar sua legitimidade.

Provavelmente, dois exemplos marcantes dessa tendência é o caso de d. Fernando, o mártir de Fez, transformado em santo pela *vox populis* e pela ação direta da monarquia<sup>7</sup> e d. Sebastião, que, mesmo antes do seu nascimento, era aguardado e desejado para salvar o reino do jugo castelhano. As circunstâncias de seu nascimento já o transformaram em um tipo de messias cuja função também já lhe fora atribuída antes de nascer, ou seja, salvar Portugal, impedindo que os “cismáticos castelhanos” (para usar um termo, utilizado, desde o século XV, para demonstrar as relações conflituosas existentes entre esses reinos) pusessem fim à independência de Portugal.

Nos seus dois momentos extremos, início de sua vida e em sua morte, deparou-se com situações semelhantes. Afinal, durante o período do pós-morte/desaparecimento foi esperado pelo povo, novamente, para pôr fim à possibilidade da União Ibérica. Ao perceber as possíveis semelhanças entre as estruturas discursivas da hagiografia do Infante Santo e as que estavam presentes na biografia redigida por d. João de Castro, optou-se por aprofundar este estudo comparativo através de uma comparação mais sistematizada. Para dar continuidade a este projeto, elaboram-se duas questões principais capazes de nortear a consecução da formulação de uma problemática de pesquisa.

Partiu-se da premissa acerca de duas questões principais para nortear esta pesquisa. Em um primeiro momento, deseja-se comprovar, através do estudo

---

<sup>7</sup> Sobre a ação dos principais membros da casa de Avis para promover a santidade de d. Fernando, cf. AMARAL, Clínio de Oliveira. *O culto ao Infante Santo e o projeto político de Avis (1438-1481)*. São Paulo: 2013 [prelo].

comparativo entre a sacralidade de d. Fernando e o messianismo de d. Sebastião, que alguns aspectos ideológicos do messianismo do segundo já estavam presentes no discurso de santidade do primeiro. Em um segundo momento, deseja-se demonstrar como a questão da sacralidade régia presente na dinastia de Avis, é, de certo modo, iniciada em d. Fernando e encerrada em d. Sebastião. A forma como a sacralidade avisina foi elaborada estabelece uma relação direta entre Deus e o reino<sup>8</sup>.

Na atual fase da investigação, o tema da sacralidade avisina, além de ser um problema historiográfico, é importante também colocá-lo sob uma perspectiva de longa duração, assim, ter-se-ia que se problematizar o período anterior à revolução de Avis (1383-1385), mas isso seria impossível para os limites impostos por este artigo e, até mesmo, para uma dissertação de mestrado. Por ora, infere-se que muitos elementos, sobretudo, as ideias de missão e de predestinação, ligadas ao imaginário político português, já estivessem presentes durante a primeira dinastia, mas foram sistematizado e instrumentalizados como mecanismos de legitimação de uma casa monárquica cujo fundador era um bastardo e que obteve o poder através de um conflito que deixou divisões entre alguns setores da alta nobreza e os setores atrelados às atividades comerciais, sobretudo, das cidades do Porto e de Lisboa.

Para expor alguns elementos comuns às personagens analisadas, optou-se por não seguir a ordem cronológica, ou seja, exemplificar através de d. Fernando e, em seguida, comparar com d. Sebastião. Assim, a exposição será feita, inicialmente, através de d. Sebastião. Apesar de sustentar que os temas da missão e da predestinação tenham suas raízes em d. Fernando, tem-se a consciência das particularidades presentes no sebastianismo. Por isso, a exposição em ordem cronológica poderia induzir a um raciocínio equivocado segundo o qual o sebastianismo estivesse completamente vinculado ao discurso de santidade atribuído ao Infante Santo.

Em função da forma como d. João de Castro designa d. Sebastião, após a sua derrota, optou-se por denominá-lo de “desaparecido”. O autor desconsidera a possibilidade da morte do rei. Acreditar que um rei desaparecido em uma batalha contra os infiéis, por um período longo de tempo, fosse retornar de um suposto exílio para livrar o seu reino, pela segunda vez, do cativo castelhano pode auxiliar no entendimento da eficácia simbólica do projeto de legitimação da monarquia portuguesa e como, provavelmente, este sucesso, no que diz respeito à fixação desta

---

<sup>8</sup> Cf. VENTURA, Margarida Garcez. *Igreja e poder no séc. XV: Dinastia de Avis e liberdades eclesiásticas (1383-1450)*. Lisboa: Edições Colibri, 1997, p. 83 et seq.

crença, tem origens na forma como a monarquia de Avis construiu a sua imagem de monarquia sacralizada. Evidentemente, os eventos do cativo e da morte de d. Fernando, muito possivelmente, teriam “facilitado” a difusão da crença de que a África era um local escolhido pela providência divina para membros da casa de Avis pudessem dar o seu testemunho de fé.

Ao que tudo indica, a associação ao destino de d. Fernando ter-se-ia realizada de modo “natural” entre os habitantes do reino. Esse príncipe foi capturado em Tânger, em 1437, e faleceria em 1443 em Fez. Segundo o seu hagiógrafo, d. Fernando foi um homem cuja morte ocorreu em odor de santidade. A sua hagiografia descreve o seu período de cativo como um martírio terrível, na verdade, há diversas associações entre a imagem do Infante Santo e a de Cristo.

Objetiva-se, com base na quantidade de pontos em comum capazes de associar a representação de santidade de d. Fernando ao messianismo de d. Sebastião para corroborar a tese da permanência, em longa duração, de mecanismos de legitimação da monarquia oriundos da busca de legitimidade política nascida com a dinastia de Avis. Trata-se de um tema que ainda não foi explorado pela historiografia que estuda a dinastia de Avis, ou seja, a trajetória de vida e, sobretudo, “de morte” deles é bastante parecida, o que, no mínimo, disponibiliza elementos para que se possa compará-los e, talvez, ligá-los a uma espécie de intenção avisina em tomar a histórias de seus membros, em históricas marcadas pela intervenção divina; assim, aumentaria o seu capital simbólico, o qual pudesse contribuir para a sacralização dessa casa reinante.

As fontes utilizadas são: *O discurso da vida do rei d. Sebastião*, de d. João de Castro (1603) e o *Tratado de vida e feitos do muito venturoso sr. Infante d. Fernando*, do frei João Álvares, escrita na década de 50 do século XV. Ressalta-se que, inicialmente, a forma como o nascimento deles ocorreu pode ser descrito como uma espécie de milagre.

O Infante Santo, já sem seu nascimento, está envolto pela proteção divina, tal como se fosse um predestinado. As circunstâncias do seu nascimento, na estrutura da hagiografia, estão relacionadas a grande devoção de sua mãe. Segundo relata o seu primeiro hagiógrafo e confessor<sup>9</sup>, D. Filipa ficou muito doente e fraca durante a gravidez de d. Fernando. Além disso, a causa de sua enfermidade não era descoberta

---

<sup>9</sup> Cf. ÁLVARES, Frei João. Tratado da vida e feitos do muito virtuoso S.or. Infante D. Fernando. In: CALADO, Adelino de Almeida. *Frei João Álvares obras*: edição crítica. Vol. I. Coimbra: Universidade de Coimbra, 1960, cap. III, p. 3 et seq.



e nem se encontravam remédios que lhe dessem condições de dar à luz sem risco de morte. Segundo a hagiografia citada, foi a intervenção de uma relíquia, um pedaço da cruz de Cristo, a qual D. Filipa tinha imenso apreço, além, obviamente, das suas constantes orações<sup>10</sup> para que Deus salvasse, pelo menos o seu filho, ou seja, uma relíquia e uma devoção inabalável foram os responsáveis pelo sucesso no parto.

D. Fernando nasceu no dia do arcanjo São Miguel. É importante fazer uma ligação entre essa referência, dada pelo hagiógrafo, e a posterior construção da imagem de sua santidade cujo resultado foi a criação do “mártir nacional” – o Infante Santo<sup>11</sup>. Esse arcanjo é, na verdade, um general da tropa celeste, cujo nome foi aclamado na batalha contra os anjos caídos.

De acordo com a crença cristã, será o responsável pelo combate a Satanás e pelo resgate da alma dos fiéis que estão em poder do inimigo. Em Constantinopla, por muito tempo, acreditou-se que São Miguel fosse uma espécie de “médico celeste”. São sabidas as dificuldades para se conhecer a data de nascimento na sociedade medieval, assim, a relação entre o nascimento de d. Fernando e o peso simbólico de São Miguel no imaginário cristão torna-se inevitável. É inevitável que se faça a comparação entre São Miguel e a vida de d. Fernando, principalmente no que diz respeito ao resgate das almas dos fiéis das mão inimigas. Atentando-se para isso, não se pode negligenciar uma possível intencionalidade<sup>12</sup>.

A história de d. Sebastião tem início antes mesmo do seu nascimento, quando em 1554, d. João, filho do rei d. João III, morreu aos 17 anos de idade. Porém, a sua esposa (havia se casado, há pouco tempo, com a Infanta d. Joana de Castela), que estava grávida e prestes a dar à luz. O rei não tinha outro filho homem, somente uma filha mulher, Dona Maria, casada com Filipe II de Castela. Na ausência de um filho homem para ser seu sucessor, o trono passaria à sua filha e, devido ao seu casamento, o reino português poderia ser anexado ao reino castelhano. A única

---

<sup>10</sup> Sobre o discurso veiculado pelos cronistas da dinastia de Avis sobre a fama de santidade dessa rainha, o qual tinham uma devoção especial a Virgem Maria, cf. COSER, Miriam Cabral. Modelo mariano e discurso político: o exemplo de Felipa de Lancaster (1360-1415). *Ciências Humanas e Sociais em Revista*. Seropédica: EDUR, Vol. 31, nº 2, p. 81-106, julho/dezembro. 2009. Disponível em: <<http://www.editora.ufrj.br/revistas/>>. Acesso em 30 de outubro de 2011.; Idem. Modelo Mariano e discurso político nas crônicas de Avis. In: AMARAL, Clínio de Oliveira; BERRIEL, Marcelo Santiago. *Religião e...* op. cit., cap. IV.

<sup>11</sup> Sobre o processo de construção do discurso de santidade que transformou D. Fernando no “mártir nacional” conhecido como Infante Santo, cf. FONTES, João Luís Inglês. *Percursos e memória: do Infante D. Fernando ao Infante Santo*. Cascais: Patrimonia, 2000.

<sup>12</sup> Cf. CATHOLIC ENCYCLOPEDIA. Disponível em: <<http://www.newadvent.org/cathen/10275b.htm>>. Acesso em 15 de dezembro de 2011.



solução seria que o filho do falecido príncipe d. João nascesse homem. O nascimento de d. Sebastião pôs fim à crise sucessória.

Em função da iminente ameaça de anexação ao reino castelhano, parte da nobreza portuguesa pedia para que Deus enviasse um filho homem ao ventre de d. Joana, a princesa, (por isso, a alcunha: "O Desejado") para que o trono fosse herdado pelo neto do rei, o nascimento de d. Sebastião, como mencionado, resolveu esta crise sucessória. Recebeu, então, o nome de d. Sebastião em homenagem a São Sebastião, santo do dia de seu nascimento, em memória da mercê recebida de Deus e da imensa alegria que se espalhou devido ao seu nascimento.

As circunstâncias do seu nascimento, tal como as de d. Fernando, podem ser relacionadas a uma série de "provas" da intervenção divina para proteger o reino português. No primeiro caso, foi a intervenção de uma relíquia que o fez vir ao mundo, ao passo que no segundo, o discurso o aproxima a narrativa do seu nascimento à vinda do menino Jesus. Para uma sociedade em que o campo do religioso desempenhava um grande papel, a analogia entre a vinda de Jesus ao mundo para salvá-lo e o nascimento de d. Sebastião para salvar os portugueses dos "cismáticos" espanhóis<sup>13</sup> seria bastante evidente aos contemporâneos do século XVI.

Considera-se importante estabelecer uma ligação entre d. Sebastião e o santo cujo nome homenageia, principalmente, caso se considere a dificuldade de se precisar, com exatidão, a data do nascimento de uma pessoa no século XVI. Tais circunstâncias podem corroborar a hipótese que a homenagem pudesse ter sido proposital, assim, não necessariamente fosse uma coincidência de datas.

São Sebastião foi um soldado romano, pertencente a Guarda Imperial, no período em que Diocleciano perseguia aos cristãos. Por ser também um cristão, São Sebastião ajudava os prisioneiros nas masmorras com orações e alimentos às escondidas até que foi descoberto. Diocleciano o questionou, mas não abjurou a sua fé; por isso, foi condenado a morrer por flechadas. Após a execução da sentença, a sua viúva, Santa Irene o recolheu, constatou que ainda estava vivo e o tratou até ficar curado. Ao invés de se esconder, São Sebastião continuou a pregar, desta vez, de forma ainda mais pública. Isso fez com que Diocleciano o condenasse a morrer por espancamento.

---

<sup>13</sup> Segundo demonstrou Miriam Cabral Coser, era comum, sobretudo, no século XV, associar os castelhanos e os demais reinos que formariam a Espanha moderna à ideia de colaboradores do Cisma, entre 1378 e 1417, uma vez que, no contexto peninsular, apenas o reino de Portugal ficou favorável à autoridade de Roma. Segundo essa autora, esse fato contribuiu para que Portugal pregasse a imagem de ser o único verdadeiro reino cristão da península, cf. COSER, Miriam Cabral. Modelo mariano e discurso político: o exemplo de Felipa de Lancaster (1360-1415). *Ciências Humanas...* op. cit.

No que diz respeito ao nome escolhido para d. Sebastião, destaca-se, ao que tudo indica, a ação pode ter sido intencional, ou seja, vincular o “Desejado” à imagem de um santo que foi um soldado. Assim, associar-se-ia d. Sebastião a uma figura santa, católica e guerreira. Trata-se das três características fundamentais para um rei português, principalmente, ser for considerado o contexto em que ele nasceu<sup>14</sup>.

Além do seu nascimento estar vinculado à salvação do reino português, ele ainda receberia a incumbência de resgatar a esperança do ímpeto desbravador e conquistador que muito tinha marcado a trajetória do povo português, mas em função de uma série de fatores que transcendem os limites deste artigo, esse ímpeto já havia sido perdido.

O frei João Álvares não oferece muitas informações sobre períodos da infância de d. Fernando, deixando várias lacunas temporais sobre esse período. Sabe-se que d. Fernando nasceu muito doente, na realidade, as doenças foram um aspecto constante em sua vida. Mais uma vez a história das personagens tocam-se. De acordo com d. João de Castro, d. Sebastião teria desenvolvida uma doença física que limitava a sua atuação no campo de batalha. A única informação próxima de um diagnóstico é que a doença parecia ter alguma ligação com a exaustiva prática de exercícios físicos. Assim como as doenças de d. Fernando, as doenças de d. Sebastião nunca foram esclarecidas. Na verdade, a insistência em ambos os casos sobre as doenças está relacionada aos lugares comuns da santidade entre o final da idade média e o início da modernidade.

Embora não se tenha como esgotar as inúmeras comparações entre tais personagens, interessa destacar as circunstâncias de suas mortes. Cabe destacar ambos morreram em contextos vinculados a situações conflituosas em África, pode-se escrever que eles tiveram uma formação ligada ao imaginário de cavalaria no sentido de defender as noções chave da necessidade de expandir a missão para a qual o reino foi predestinado (conquistar novas terras e converter os pagãos).

Outro ponto em que a história de ambos toca-se diz respeito à questão da expansão marítima. O século XV foi um período de grande importância na história de Portugal devido às navegações e às descobertas, bem como os avanços, no sentido de iniciar o processo de colonização, realizados por elas. Para contextualizar este artigo, as navegações, com objetivos expansionistas, fazem-se ainda mais importantes, uma vez que d. Fernando morreu em uma delas e d. Sebastião foi

---

<sup>14</sup> CATHOLIC ENCYCLOPEDIA. Disponível em: <<http://www.newadvent.org/cathen/13668a.htm>>. Acesso em 03 de novembro de 2010.

herdeiro desta tradição, pois morreu em nome da revitalização dessa tradição. D. Fernando participou de uma incursão militar que ficou conhecida como cerco de Tânger, no Marrocos, em 1437, onde viria a falecer em Fez em 1443 após 6 anos de cativo. D. Sebastião, como foi dito anteriormente, foi herdeiro dessa tradição expansionista e tinha como objetivo trazer o reino de volta aos tempos de glória da expansão. No ano de 1578, partiu para o Marrocos, em Alcácer-Quibir, com o objetivo traçado de retomar terras perdidas naquele continente, mas acabou por encontrar a morte.

No que diz respeito às circunstâncias das mortes. No caso de d. Fernando, ele estava em combate contra os mouros quando foi, em uma das últimas batalhas do cerco de Tânger, cercado pelos mouros, e, para evitar que o seu irmão d. Henrique e os demais cristãos fossem mortos, segundo a sua hagiografia, ele teria se oferecido para ficar como prisioneiro para assegurar que os portugueses pudessem regressar a Lisboa. O que estava em discussão, na realidade, era a pressão dos mouros para que o rei de Portugal devolvesse a cidade de Ceuta, que fora conquistada pelos portugueses em agosto de 1415.

Antes que se chegasse a decisão por parte de d. Fernando de ficar como prisioneiro, houve uma reunião de conselho entre os mouros. Estabeleceu-se que seria negociada a devolução de Ceuta em troca de um retorno tranquilo dos portugueses para casa. Entre os diversos termos do acordo, destaca-se a necessidade de entregar o líder da expedição, o d. Henrique como garantia da devolução da cidade de Ceuta, porém, segundo a sua hagiografia, d. Fernando ofereceu-se para ficar no lugar do seu irmão.

O grande problema desse acordo é que a cidade de Ceuta não foi devolvida aos mouros que, por sua vez, também não devolveram d. Fernando, que ficou preso em cativo, onde passou por grande sofrimento, que foi associado pela sua hagiografia a uma morte em martírio, o que foi decisivo para que fosse transformado no Infante Santo. O caso de d. Sebastião foi bastante parecido. As tropas começaram a marcha rumo ao combate às 8h da manhã do dia 4 de agosto de 1578, seguindo os rituais costumeiros, antes de qualquer combate, sendo eles discurso dos líderes (rei e xarife), estratégias, vestimentas ornamentadas dignas de seus cargos, enfim, tudo como se estabelecia o ritual da guerra no final da idade média e do início da idade média, fazendo com que o efetivo combate entre as duas tropas só acontecesse às 10h da manhã do dia 4 de agosto de 1578.

Assim como no caso de d. Fernando, a superioridade numérica marroquina propiciou uma guinada nos rumos da batalha, associada à inteligência militar do experiente exército de Fez. Os mouros cercaram o exército português fazendo uma

forma de meia lua, reduzindo o campo de batalha e espremendo-o, facilitando o trabalho da artilharia. Assim como no cerco de Tânger, a batalha ficou marcada por um exacerbado número de imperícias por parte do exército português. Cercado de inimigos e ferido, d. Sebastião não se rendeu, sendo conduzido à morte no campo de batalha. Esses pontos de contato entre as histórias dos dois personagens abordados são tratados, aqui, apenas para ilustrar a potencialidade que tais personagens oferecem para a compreensão do imaginário político português.

Durante a redação da dissertação de mestrado, elucidar-se-ão à luz de alguns conceitos chave, como os de propaganda, sacralidade, santidade, messianismo entre outros, os mecanismos de legitimação da dinastia de Avis que se perpetuaram na longa duração.